

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

FASUBRA Associação CUT

www.sintufjrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

Grevistas fecham a Ponte do Saber



CHUVA DE PURPURINA e balões de gás vermelhos coloriram a manifestação dos técnicos-administrativos, professores e estudantes da UFRJ na quarta-feira, 25 de julho, na Ponte do Saber. Os grevistas saíram em passeata do prédio da Reitoria e ocuparam as duas pistas da ponte estaiada, que liga a Cidade Universitária à Linha Vermelha em direção ao centro da Cidade.

Vamos virar esse jogo

Casa cheia e muita mobilização devem marcar atos e assembleia esta semana

Os técnicos-administrativos da UFRJ realizarão esta semana assembleia de casa cheia – como aquela que deflagrou a greve, no dia 5 de junho, com o mesmo espírito de luta e unidade – e um ato público no HU com expressiva participação.

Quando o governo não negocia com a Fasubra, está informando para a sociedade que a universidade pública pode funcionar sem seus técnicos-administrativos.

Está mais do que na hora de respondermos a esta agressão. Por isso, vamos todos à assembleia e ao ato público com muita disposição de virar esse jogo.

Vamos mostrar à sociedade e ao governo que a universidade não funciona somente com professores.

Em defesa dos hospitais universitários

No dia 31 de julho, será o dia nacional de luta do funcionalismo. Na UFRJ, o Comando Local de Greve planejou um ato unificado em defesa dos hospitais universitários, com a participação dos três segmentos e de companheiros do Hospital Pedro Ernesto e Antônio Pedro. Será em frente ao HUCFF, a partir das 8 horas.

O ato começa com a doação de sangue para o banco do HU e segue com o julgamento público da Ebserh.

Calendário

Assembleia Geral

Dia 30/7, segunda-feira, às 10h,
nos pilotis da Reitoria

Ato unificado em defesa dos HUs

Dia 31/7, às 8 horas, em frente ao HUCFF
- Doação de sangue para o HUCFF
- Julgamento público da Ebserh

Passeata com os SPFs

Dia 31/7, às 11h, Candelária, Centro

DOIS PONTOS

EDITORIAL

Somos essenciais

Dentre tantas leituras que podem ser feitas acerca da segregação feita pelo governo federal, negociando com professores e deixando no limbo os técnicos-administrativos, uma mensagem profundamente desrespeitosa, conservadora e preconceituosa se destaca: a de que a universidade prescindisse desses trabalhadores, reafirmando uma cultura a muito combatida no interior da instituição que é a subalternização, emblematizada na arcaica figura do bedel.

A falta de respeito do governo com os técnicos-administrativos não reflete, em nenhuma hipótese, a qualidade individual e coletiva desses trabalhadores. Somos nós, aliados aos demais segmentos da comunidade acadêmica, que construímos, no dia a dia, incansavelmente, a universidade capaz de chegar na fronteira do conhecimento e contribuir para a transformação da sociedade.

O governo, e muitos de seus gestores, pela ausência de políticas de pessoal e de profissionalização, de remuneração digna e de implantação de uma correta carreira, questões que estão no corolário de suas responsabilidades, ao invés de buscar inverter tal lógica, contrariamente a enfatiza.

Nossa categoria fez e faz história por não limitar suas lutas nas reivindicações tradicionais da agenda sindical. Diferentemente disso, suas tarefas, no plano político-institucional, se pautam pela manutenção do ensino público, gratuito e de qualidade, pela autonomia da universidade e por sua democratização radical. Por isso, a instituição universitária não é apenas de professores para estudantes, é, sim, daqueles que, em atividades-fim ou não, fincam seus alicerces, suportam suas estruturas e conformam sua cultura e missão. Mas, infelizmente, o governo insiste em nos ignorar, deixando transparecer que não aposta na qualidade do ensino e na superação dos impasses apresentados na produção do conhecimento e sociais. E isso é muito pequeno como política governamental.

Por isso, a palavra de ordem é radicalizar em nossas ações, demonstrando que fazemos falta sim. Dando conta, e apontando para os burocratas palacianos que nós lutaremos contra o preconceito, a intolerância e quaisquer outras práticas fascistas e reacionárias, afirmando que Somos Essenciais!

Radares de trânsito na UFRJ

Fiscalização eletrônica teve início na segunda-feira, dia 23

Três radares de trânsito foram instalados em pontos estratégicos da Cidade Universitária da UFRJ. Em fase de certificação junto ao Inmetro, os radares foram colocados pela CET-Rio, em parceria com a universidade, para limitar a 50 km/h a velocidade de tráfego no campus.

De acordo com Ivan Carmo, prefeito da Cidade Universitária, os radares são os primeiros, de um total de 10, que funcionarão em locais nos quais casos de excesso de velocidade e acidentes foram registrados nos últimos meses.

Um dos radares está instalado na esquina da avenida Horácio Macedo com a rua Maria Dolores, no acesso à Linha Amarela, e os outros na altura do Bloco C do Centro de Tecnologia: um no sentido CT-Reitoria e outro no sentido oposto.

Outros serão instalados na avenida Pedro Calmon, próximo à Ponte do Saber, e nas avenidas Edson Saad e Carlos Chagas Filho, próximos ao Restaurante Universitário e ao Centro de Ciências da Saúde (CCS). Os demais ficarão nos acessos à Prefeitura e ao Parque Tecno-

Manifestação para o trânsito na Ponte do Saber

Aula pública sobre autonomia universitária reafirma valores históricos da comunidade universitária e as lutas passadas da categoria são revividas e emocionam os antigos

Técnicos-administrativos, professores e estudantes, mais uma vez, agitaram a Cidade Universitária. A mobilização unificada foi na quarta-feira, dia 25, a partir das 9 horas. As ações começaram com aula pública sobre Autonomia Universitária, nos pilotis da Reitoria, e prosseguiram com passeata e ocupação da Ponte do Saber, que liga o campus à Linha Vermelha em direção ao Centro da Cidade.

Apesar das críticas contundentes ao governo Dilma, que tenta impor uma contraproposta rebaixada aos docentes e segue ignorando as reivindicações dos técnicos-administrativos e dos estudantes, os protestos foram bem-humorados. Na Ponte do Saber, os manifestantes estenderam faixa sobre a mureta, coloriram o céu com balões de gás vermelhos e muita purpurina.

“Desculpe o transtorno. Estamos trabalhando por uma universidade melhor”, anunciava a enorme faixa abrelatas da passeata e que também serviu de meio de comunicação com os motoristas e motociclistas que passavam na hora da manifestação pela Linha Vermelha. Lá debaixo, eles acenaram e buzinaaram para os manifestantes, e houve até quem fizesse sinal de positivo com o polegar, numa clara demonstração de apoio aos trabalhadores e estudantes em greve da UFRJ.

Histórias nunca esquecidas

A dirigente do Sintufrj Neuza Luzia utilizou o espaço da sua aula pública para lembrar os momentos marcantes da trajetória de conscientização, organização e luta dos técnicos-administrativos em educação pela conquista da própria cidadania dentro da UFRJ. E como esse movimento – que dura até os dias atuais pela ocupação de espaços de poder na universidade e pelo

reconhecimento do governo de que a instituição não funciona só com professores – reafirmou a tão necessária autonomia universitária.

“Na concepção da universidade, nosso papel foi pensado como subalternos aos docentes e aos estudantes. Tanto é, que nas décadas de 1960-1970 os técnicos-administrativos não podiam levantar a cabeça quando um professor passava,

e a ele somente era permitido se dirigir dizendo, solenemente, um “sim senhor, doutor”. E nenhum de nós ocupava cargo de chefia. Nosso salário era absurdamente humilhante, ganhávamos um complemento para equipará-lo ao salário mínimo”, relembra a coordenadora-geral do Sintufrj, que se afirma, incisivamente, contra a ressubalternização.

“Uma universidade gerida pelos três segmentos”

O presidente da Adufrj, Mauro Iasi, afirmou que “a luta pela autonomia universitária é por uma universidade gerida pelos técnicos-administrativos, professores e estudantes para atender reais interesses da população”. E a greve é, segundo o sindicalista, um instrumento de afirmação da autonomia univer-

sitária. Um dos representantes do Diretório Central dos Estudantes - Mário Prata e do Comando de Greve dos Estudantes, que esteve à frente do ato nos pilotis da Reitoria, foi taxativo: “Não vamos parar a greve enquanto o governo não negociar com a gente. Não queremos mais migalhas. Nossa

luta é pelos 10% do Produto Interno Bruto (BIP) para a educação, assistência estudantil (bolsas de estudo, alojamentos, restaurantes universitários, creches, entre outros benefícios que garantam a permanência do aluno na universidade) e ensino público de qualidade”.

Funcionários advertem que não haverá vestibular, nem matrícula nas universidades federais

A decisão é uma resposta ao governo, que se recusa a apresentar proposta à categoria dos técnicos-administrativos em educação das instituições de ensino superior públicas. O anúncio oficial foi feito pelo CNG-Fasubra durante manifestação no Ministério da Educação, dia 25 de julho, à tarde.

É uma promessa dos trabalhadores em greve há mais de um mês por não terem recebido, por parte do governo, qualquer proposta acerca de sua pauta de reivindicação. A categoria quer mostrar que a universidade não é feita apenas de professor e que quem faz a máquina da educa-

ção federal funcionar também são os técnicos-administrativos.

Até que o governo abra mesa de negociação com a categoria, não haverá vestibular e matrículas dos estudantes, assim como as demais atividades continuarão paradas por tempo indeterminado, promete o movimento.

Reunião dos Vigilantes do HU

Dia 2 de agosto, quinta-feira, às 10h, na sede do Sintufrj
Pauta: Condições de trabalho

31 de julho é o Dia D dos servidores

Este é o dia marcado pelos servidores públicos para exigir do governo resposta às suas reivindicações. Será o Dia Nacional de Luta e Mobilização, com grandes manifestações em todas as capitais do país, convocado pelas centrais sindicais (CUT, CSP-Conlutas, CTB) e pelo Fórum Nacional das Entidades dos SPFs.

O Dia D é resultado do que vem sendo construído nessa greve do funcionalismo. O Fórum Nacional, reunido dia 20, em Brasília, considerou as atividades desenvolvidas de 16 a 20 de julho positivas, avaliando que há muito fôlego para continuidade da greve e julgou que a unidade das ações é fator determinante para fortalecer o movimento. “O governo demonstrou que a greve o atingiu fortemente, por isso tenta reprimir o movimento com

represálias como corte de ponto e desconto nos salários (...). Mesmo assim, o movimento segue firme e conta com o apoio de vários setores da sociedade”, afirma o texto da avaliação.

Segundo informe de greve da Fasubra de 24 de julho, apesar da grande movimentação do funcionalismo, o governo recebeu somente as entidades que compõem o Fórum Nacional (Fasubra, Andes, Assibge, Condsef, Fenasp, Sinasefe, CUT, CSP-Conlutas, CTB) após muita pressão e cerco dos grevistas ao Ministério do Planejamento. Porém, nenhum avanço foi registrado.

De oficial, nada

Apesar dos balões de ensaio sobre supostas propostas do governo para os servidores, em reunião

oficial com o Fórum Nacional o governo insiste em dizer que o prazo para apresentação do quadro orçamentário, no que se refere aos gastos com pessoal, é 31 de julho.

O Fórum informou que na reunião com o governo, dia 18 de julho, este reforça que não há condição de atender ao conjunto das demandas pela necessidade de controle fiscal e para limitar gastos diante da crise econômica internacional.

Dilma baixa decreto

A Fasubra afirma que nenhum técnico-administrativo será substituído. A presidente Dilma Rousseff resolveu se valer do poder da caneta para tentar impedir o direito de greve dos servidores ao baixar um decreto, dia 24 de julho, determinando a substituição de trabalha-

dores em greve. Com base no decreto, os ministros de Estado podem promover convênios com estados, distrito federal ou municípios para que os servidores das administrações locais possam substituir, em serviços essenciais, aqueles em greve do funcionalismo federal.

A Fasubra, por meio de nota sobre a greve, denuncia o desrespeito do governo com os trabalhadores: “Substituir periodicamente trabalhadores, seja qual for a função que eles exerçam, compromete os serviços públicos e põe em risco a vida da população. Qualquer incidente que ocorrer nesse período é de responsabilidade do governo. Nossa resposta deve ser a que sabemos dar: mais luta e mobilização. Nenhum técnico-administrativo será substituído, nossa greve não

será desmontada. Se o governo sobe radicalizar, nós também”.

Nota de repúdio

Entidades representativas da Advocacia e Defensoria Públicas Federais, Auditoria do Fisco e do Trabalho, Delegados e Peritos da Polícia Federal, do Ciclo de Gestão e do Núcleo Financeiro, Agências Reguladoras e de Relações Exteriores publicaram nota de repúdio ao decreto.

Segundo a nota, o decreto fere a regra constitucional de ocupação de cargos públicos após provimento em concurso, além de constituir grave ofensa ao direito constitucional de greve. E sua edição demonstra a intransigência e o completo descaso do governo federal com essas carreiras.

Truculência do governo é denunciada ao Consuni



Na sessão do Conselho Universitário da UFRJ, dia 26 de julho, o representante dos técnicos-administrativos Nilson Theobald denunciou a truculência e a intransigência do governo Dilma com a categoria dos trabalhadores técnico-administrativos em educação das universidades, destacando o tratamento diferenciado dado pelo governo ao movimento dos professores e ao movimento dos técnicos-administrativos e a intransigência em negociar. “Se por um lado os professores têm proposta para discutir, nós, depois de mais de um mês em greve, nem sequer fomos recebidos de maneira decente pelo governo”, protesta o conselheiro.

Theobald informou, também, que o governo anunciaria — de forma unilateral — uma decisão para a categoria, e falou sobre o decreto para substituir servidores em greve afirmando que o movimento continua até que se abra negociação. “É uma postura que não esperávamos desse governo. Baixa esse decreto e se recusa a discutir com o movimento, apresentar proposta e negociar. A presidente Dilma Rousseff opta pelo lado da truculência e pela judicialização da greve. A AGU já está falando em corte global de ponto e passar por cima dos reitores. Isso é muito ruim, e com tudo isso a greve irá continuar”, declarou o técnico-administrativo.

Repúdio ao assassinato de pescadores

O Consuni se pronunciou acerca do assassinato de dois pescadores artesanais e ativistas do movimento que luta contra o fim da pesca artesanal e a preservação dos manguezais. A moção, aprovada por

unanimidade, repudia a violência cometida contra João Telles e Almir Amorim e reivindica providências para investigação e esclarecimento dos fatos com punição dos responsáveis.

Estudantes ocupam Canecão



Os estudantes da UFRJ ocuparam o Canecão dia 24 de julho para reivindicar a transformação da antiga casa de espetáculos em um centro cultural público, com ingressos a preços populares para os eventos.

O assunto foi discutido na sessão do Conselho Univer-

sitário de 26 de julho. Nela, o conselheiro discente, Tadeu Aguiar, disse que os estudantes querem discutir com a Reitoria um projeto cultural para o Canecão.

O reitor Carlos Levi informou que a Reitoria pensa em utilizar o local para atividades

voltadas à cultura, mas ponderou que há ainda questões por definir, como a alocação de verbas, por exemplo. Além disso, Levi chamou a atenção para o cuidado com a segurança dos estudantes, explicando que o local está insalubre e o telhado ameaça desabar.

Assembleia no IFCS: homenagem e expectativas

O ex-reitor Aloísio Teixeira foi homenageado pelos técnicos-administrativos em greve na segunda-feira, 23, dia em que ele deixou a UFRJ para sempre, com um minuto de silêncio na abertura da assembleia, realizada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

Essencialmente, esta foi uma

assembleia de informes e de balanço das atividades realizadas em Brasília. Eram grandes as expectativas dos trabalhadores com a ocupação da Ponte do Saber e com o ato em frente ao Hospital Universitário Clementino Fraga Filho contra a Ebserh, nesta terça-feira, dia 31.

A assembleia aprovou, em resumo, duas propostas: a in-

corporação, à pauta nacional de reivindicações da categoria, da luta pela auditoria da dívida pública e a realização, pelas centrais sindicais, de um dia de luta em favor dos técnicos-administrativos em educação. De acordo com a Fasubra, a data para essa mobilização das centrais é 2 de agosto.

A comunidade universitária está entristecida e consternada. A UFRJ, mais vazia. O falecimento de seu ex-reitor, Aloísio Teixeira, na manhã de 23 de julho, pegou todos de surpresa. O seu coração resolveu não mais bater depois de 67 anos de vida — muitos dos quais dedicados à Educação, ao Ensino Superior, ao país e à Nação —, mas esqueceu de combinar com o cérebro, que ainda tinha muitos planos para tocar em frente.

Aloísio Teixeira, pelo que representou para a Educação brasileira, para a luta pela justiça social e pela democracia, já faz parte da história da UFRJ e do Brasil. Foi um dos símbolos de resistência e de luta antineoliberal.

Não obstante a isso, Aloísio foi um de nós. Simplesmente assim, um igual. Apenas quem conviveu com ele sabe da falta que fará. Foi possivelmente um dos últimos de uma geração de intelectuais que entendiam a Educação, a universidade, o Ensino Superior e a Nação como ninguém.

Tinha lá as suas vaidades como todos as têm, mas nunca se fez de arrogante, malcriado ou indelicado seja lá com quem fosse; aliás, temperamento esse que somente os que têm grandeza cultivam. Foi, acima de tudo, um bem-humorado. Gostava de contar, refinadamente, anedotas e fazer brincadeiras, também com fineza, mas nas horas em que tinha que ser enérgico e rigoroso, o fazia com a capacidade ímpar de quem realmente foi educador. E dos bons!

Aloísio era, sim, um igual. Se comportava como igual. Nunca se sobrepôs autoritariamente ou indignamente aos demais. Sempre descia do lugar de seu saber e se misturava a todos. Para ele, não havia diferença de tratamento, recebia e conversava com todos que o solicitavam com educação e atenção. Era de uma gentileza desconcertante e, apesar de não ser um símbolo de beleza, esbanjava charme. Assim foi Aloísio Teixeira. Construção idealizada de uma referência? Não. Uma referência!

UFRJ se despede de seu ex-reitor

Aloísio Presente



“**Permaneci um combatente das mesmas lutas: a democracia, a soberania nacional, o socialismo.**”

1944-2012

A seguir, alguns depoimentos colhidos ainda no momento da emoção de seu derradeiro encontro com os seus pares:

“É um momento de reflexão sobre tudo o que ele representa não só na vida pública, mas principalmente pela contribuição para a universidade e ao debate que promoveu. Foi um grande educador comprometido com suas convicções e seus ensinamentos. Esse é o legado que a gente deve consolidar.”

Carlos Levi, ex-PR-3 da última gestão de Aloísio e seu sucessor na Reitoria da UFRJ

“Aloísio era um militante da esquerda brasileira, atuou sempre tendo a referência como comunista.

Tinha um projeto democrático popular e foi eleito para a Reitoria da UFRJ em um momento de luta pela democracia na universidade. Era um dos grandes intelectuais da esquerda brasileira.”

Lindbergh Farias, senador pelo Partido dos Trabalhadores (PT)

“Sem dúvida Aloísio foi um marco na história da universidade, deixando um legado para o Ensino Superior brasileiro de transformações e protagonismo na luta pela universalização do Ensino Superior.”

Hélio de Mattos Alves, professor da Faculdade de Farmácia, ex-prefeito da UFRJ

“Aloísio, sem perder sua autenticidade, manteve suas ideias. Aprendi muito com ele, principalmente a admirá-lo e respeitá-lo. Perde a UFRJ, perde o Brasil, mas também perdemos nós, trabalhadores que tínhamos a oportunidade de conviver lado a lado com a sua capacidade de nos deixar e fazer sonhar.”

Ana Maria Ribeiro, técnica em Assuntos Educacionais, ex-dirigente do Sintufrj

“Aloísio tratava as divergências com muita serenidade. A intolerância é um dos sustentáculos do fascismo e Aloísio representava exatamente o inverso disso.”

Neuza Luzia, nutricionista, coordenadora-geral do Sintufrj

Consuni ratifica a marca do diálogo

Três dias após seu falecimento, ainda era muito difícil para muitos conselheiros externarem seus sentimentos à altura do que significou o ex-reitor Aloísio Teixeira.

A sessão do Conselho Universitário de 26 de julho teve em seu expediente um minuto de silêncio pelo falecimento de Aloísio Teixeira,

manifestações de conselheiros e a aprovação de moção de pesar:

“À frente da universidade entre 2003 e 2011, o professor Aloísio imprimiu à UFRJ a marca do diálogo, da preocupação com o acesso universal ao Ensino Superior e, sobretudo, da reflexão característica de sua longa trajetória na Administração Pública e de Ensino. (...)

Aloísio Teixeira ajudou de muitas e diferentes maneiras a se repensar o Brasil e a buscar caminhos para transformar o país em uma sociedade menos injusta. Foi antes de tudo um educador. Um educador obstinado e em tempo integral, cuja maior virtude talvez fosse desafiar seu interlocutor a demonstrar o melhor de si. (...) Ficam seus exem-

plos, seus ensinamentos, suas convicções. O Brasil ficou mais triste. A UFRJ está menor. O país perde um grande brasileiro.”

A missa de 7º dia da morte de Aloísio Teixeira será nesta segunda-feira, dia 30, às 19h30, na Capela Divina Providência, na rua Lopes Quintas, 274, no Jardim Botânico.